



A POLÍTICA EXTERIOR BRASILEIRA ME ASSUSTA?

Maria Beatriz de Carvalho Melo Lobo

Não, porque nós não devemos continuar submissos às determinações americanas que impuseram a Doutrina Monroe às Américas para dominá-las.

Afinal, somos muito grandes para sermos liderados em um bloco por uma nação semelhante à nossa em área e população.

A participação em blocos liderados por um grande país pode ser útil a pequenas nações como a Costa Rica, que por mais que cresça, não ameaçará a liderança do país hegemônico, mas para países grandes, esta submissão é inviável, porque se ele crescer ameaçará o líder do bloco, que tudo fará para evitar este risco.

A independência, que conduz à solidão temporária igual a de um campeão de boxe peso-pesado, é necessária para que o país ingresse no universo das nações com voz nesse concerto mundial.

É compreensível que essa decisão de se afastar dos americanos seja penosa e exija coragem das lideranças do país emergente. Esta coragem deve ser reconhecida na atual política externa brasileira, pois trará bons subprodutos políticos e comerciais. No entanto, o risco é que o desafio à liderança do bloco e a independência joguem o novo aspirante a líder em um beco sem saída, pois ao buscar novos parceiros, terá que se alinhar aos que fazem oposição aos países líderes, não importa com que objetivo nem com que política interna.

Infelizmente, a busca por aliança com países totalitários - que estimulam milícias políticas repressoras, que executam opositores políticos a partir de julgamentos sumários e que só respeitem a força - pode fazer com que, em um momento futuro de confronto, o Brasil que só queria aparecer com um pouco mais de autonomia venha a se aliar a países (que não deixam de formar alguns blocos) com os quais a nossa população e a nossa cultura não têm qualquer afinidade e que será, no longo prazo, derrotado pelos países que cultivam a democracia e que têm, por esta razão, um povo mais livre, motivado e criativo.

Esta foi, provavelmente, a principal razão da derrota dos persas pelos gregos.



Os países do antigo Eixo também se sentiam perseguidos pelas grandes potências ocidentais que não davam espaço para a expansão territorial à qual achavam que tinham direito. No entanto, esta revolta encobria, na verdade, uma sede expansionista e imperialista e o reflexo externo de uma política interna totalitária e baseada no princípio da força repressora.

O que ocorreu com as nações do Eixo não precisaria ser lembrado, nem o holocausto, mas nesse contexto, é impossível não lembrar desse exemplo tão contundente e que deveria ser para muitos, educativo.

A contestação do Brasil na Organização Mundial do Comércio merece aplausos e a busca de uma posição mais independente em relação à liderança americana na América Latina também é da maior importância.

Porém, o apoio a países governados por ditaduras inequívocas, que prendem e executam seus opositores políticos, ou a nações que desprezam as regras internacionais corre o risco de nos colocar do lado errado em um eventual confronto entre dois mundos que podem estar caminhando para um confronto de largas e belicosas consequências.

Eu não gostaria de ver meu país do lado errado. Não só porque provavelmente perderá a guerra, mas que mesmo se tivesse risco de vencê-la, estaria ajudando a enterrar os mais nobres princípios e uma civilização que levou séculos para se construir.

Texto inserido no site em março de 2011.